

POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO POPULAR: O CASO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFERSA

Autor: Luiz Gomes da Silva Filho

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) E-mail: Luiz.gomes@ufersa.edu.br

Resumo

Este trabalho insere-se nos interesses e diálogos fomentados no Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e, de igual modo, inscreve-se como parte fundante da tese de doutoramento do Autor junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal da Paraíba. A importância do tema tanto da Educação do Campo como da Educação Popular na atualidade é inquestionáveis, porém, entendemos que nesse debate, tem sobrado pouco espaço à Educação Popular, sendo comum seu esmaecimento em detrimento de um debate a-histórico da Educação do Campo. Assim, o objetivo principal é a apresentação de uma reflexão sobre a atualidade da Educação Popular enquanto marco fundante da Educação do Campo e enquanto um momento de reconfiguração. De forma reflexiva, buscamos socializar alguns pensamentos que nos tem acompanhado sobre a necessidade de levantarmos uma “Questão de ordem” para dizer que a Educação do Campo está no campo da Educação Popular. Metodologicamente a pesquisa configura-se a partir de uma análise qualitativa do objeto em destaque e uma revisão bibliográfica/documental a partir dos principais acúmulos no campo do fenômeno educativo e suas variantes. É nesta perspectiva que problematizamos o lugar da Educação Popular no atual debate da Educação do Campo. Os desdobramentos conclusivos apontam para uma clara necessidade de reatar laços históricos que fortalecem as perspectivas da Educação Popular e da Educação do Campo. Evidencia-se ainda que quando trabalhadas em separado ambas as perspectivas perdem, ao passo que quando associadas e dialogadas ambas fortificam-se e reconfiguram-se enquanto fenômeno único e capaz de realizar uma leitura crítica da realidade.

Palavras-chaves: Educação Popular, Educação do Campo, Licenciatura em Educação do Campo, Ufersa.

Introdução

Entendemos que a atualidade canaliza fenômenos sociais, históricos econômicos, culturais e políticos que merecem reflexão e pesquisa. As experiências de Educação Popular atravessam nossa historiografia e tem um legado vasto, ressignificado no dia a dia por práticas educacionais concretas. Ela emerge de momentos de disputas e “rachaduras da sociedade”¹, tem experiências, tanto na América Latina e Caribe como no Brasil e, apresenta-se nesse momento como uma possibilidade concreta para esse o contexto contemporâneo brasileiro.

Estamos imersos em uma dinâmica que tem direcionado tanto os aspectos coletivos como individuais. Assistimos crescer uma onda conservadora que se espalha pela sociedade como um

¹ A expressão é de Paulo Freire (1983)

todo, atravessando espaços políticos importantes como universidades, igrejas, sindicatos, ONGs e outros. Essa ofensiva representa talvez uma face do neoliberalismo que poucos haviam dimensionado. “*El neoliberalismo contiene en sí mismo elementos fundacionales, no sólo de orden económico capitalista, sino principalmente respecto de la forma en que redefine las relaciones sociales*” (ALMONACID; ARROYO, 2011, p. 263).

Assim, esta pesquisa é fruto de inquietações e necessidades de aprofundamento de questões iniciadas no nosso trabalho de dissertação de mestrado e que entendemos fundamentais no momento atual. A pesquisa encontra-se em fase de andamento, porém já nos sentimos a vontade para iniciarmos algumas considerações.

Assim questionamos, como tem se presenciado o debate da Educação Popular no tocante a Educação do Campo. A Educação Popular está contemplada nesse debate? Há nos dias de hoje uma hipervalorização da Educação do Campo em detrimento de uma tendência hipotrófica da Educação Popular no seio do Estado brasileiro? E se existe tal invisibilização, o que isso pode significar concretamente? Estas questões emergem principalmente a partir do aprofundamento de leituras, trabalho docente desenvolvido com viés na Educação Popular, assim como na própria temática da Educação do Campo, temas que nos circundam desde a incipiência da nossa formação.

Desse modo, a partir das questões elencadas anteriormente, engendramos uma questão central que nos conduzirá a outras, inevitavelmente: qual o lugar da Educação Popular no atual debate da Educação do Campo? Não estamos com isso interessado em gerar nenhum mal estar entre Educação do Campo e Educação Popular, estes paradigmas (KUHN, 2009) gozam de maturidade suficiente para certas análises e avaliações. O que é importante é chamar a atenção para a historicidade dos acontecimentos Afinal preocupa-nos “o extravagante a-historicismo em que muitos pesquisadores têm caído” (BALL & MAINARDES, 2011).

Desse modo, partimos para esta empreitada cientes de que este é um caminho ainda pouco trilhado, portanto, ainda “*vareada*”. Um terreno movediço cuja cautela é fundamental, sob pena de se criar polêmicas improdutivas e alegóricas dicotomias. Ainda assim, entende-se que esta reflexão é ímpar nos dias de hoje.

A Educação do Campo, cujo cerne reside resistência forjada, sobretudo, nos movimentos sociais camponeses (CALDART, *et al.*, 2012) não pode perder a essência que dialoga com a historicidade das lutas camponesas, experiências e práticas que antecedem as décadas de 1980 e 1990, por exemplo. Isso quer dizer que a Educação do Campo precisa ser entendida em sua historicidade. Uma compreensão para muito além das políticas públicas, dos projetos e editais, que,

ainda que sejam de grande importância, não comportam a amplitude desta perspectiva. Por isso mesmo elencamos neste trabalho a necessidade de a Educação do Campo imergir no campo da Educação Popular, buscando nesta última, suas origens e princípios, possibilitando uma melhor projeção para práticas vindouras. Essa é uma tarefa para aqueles e aquelas verdadeiramente comprometidos com as classes trabalhadoras, essa não é uma questão de ótica, mas uma questão de ordem.

Nesse momento coadunamos com Neves (2005), quando afirma que: “Sendo o Estado capitalista um Estado de classes tende a organizar a escola em todos os seus níveis e modalidades de ensino conforme a concepção de mundo da classe dominante e dirigente” (p. 29). Esta análise alerta a Educação do Campo para a necessidade de retomada de princípios fundamentais à sua permanência e sustentabilidade enquanto patrimônio da classe trabalhadora. Alerta também para os meandros engendrados pelo Estado para a incorporação e domesticação de propostas progressistas e vinculadas às camadas populares.

Nesse sentido compactuamos com Freire (2012):

Já deixo claro que nenhuma sociedade se livrará desses horrores por decreto nem tampouco porque um de seus sujeitos fundamentais, os dominantes, num gesto amoroso, regale uma nova forma de viver aos “condenados da terra”. A superação desses horrores implica decisão política, mobilização popular, organização, intervenção política, liderança lúcida, democrática, esperançosa, coerente, tolerante (p. 59).

É nesta seara que o trabalho se apresenta. Quer dizer, é no campo das grandes contradições e na “dialética do concreto” (KOSIK, 2010) que inserimos esta pesquisa como fundamentalmente necessária e salutar para aprofundar e contribuir com o fortalecimento da Educação Popular enquanto prática social construída historicamente (PALUDO, 2001), assim como colaborar com o atual debate da Educação do Campo e suas inúmeras possibilidades de construir um cenário diferente daquele cuja classe camponesa esteve submetida ao longo de sua historicidade.

Fundamentação teórico-metodológica

A compreensão de Educação Popular nos convoca a uma apreensão anterior daquilo que chamamos Cultura Popular. Essa, segundo Thompson (1998), tem origem no termo “costumes” do século XVIII, e na separação entre cultura patriciana e cultura plebeia. A complexidade da expressão é tão desafiadora quanto da Educação Popular, uma vez que segundo o mesmo autor, desde sua gênese, a cultura popular não se auto define, nem é imune a influências externas. Quer dizer, são conceitos que atualizam-se e recebem conotações a partir do seu tempo histórico.

Ainda que reconheçamos a pluralidade das compreensões acerca da Educação Popular nos dias de hoje, compreendemos que “Uma ação é popular quando é capaz de contribuir para a construção de direção política dos setores sociais que estão à margem do fazer político” (MELO NETO, 2015, p. 34). Nas palavras de Freire (2014) é processo permanente de refletir a militância (...). A prática educativa reconhecendo-se como prática política.

Desse modo Educação Popular é a projeção de sujeitos sociais no cenário político ao mesmo tempo em que esse processo de projeção é obrigatoriamente consciente e conscientizador capaz de gerar e gestar outras pedagogias para outros sujeitos (ARROYO, 2014).

Desde o movimento dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, já se falava em Educação Popular. Porém, nesse momento o termo popular, não detém ainda o polimento que permitiu seu atrelamento ao viés da conscientização, autonomia, autogestão e contra hegemonia. Tais características, são adquiridas a posteriori, são contribuições dos movimentos sociais populares das décadas de 1950 e 1960, das lutas concretas dos trabalhadores e trabalhadoras, de grandes educadores políticos, como Paulo Freire (BRANDÃO, 1980).

É dentro desta perspectiva que este estudo se caracteriza como uma análise crítica, sabendo pois que, quando adotamos a perspectiva crítica de educação estamos pensando justamente o desenvolvimento da humanidade a partir de processos históricos, contraditórios, heterogêneos que se realizaram por meio das concretas relações sociais de dominação que tem caracterizado a história humana até nossos dias (SAVIANI e DUARTE, 2012).

Paulo Freire é o responsável pelo deslocamento na compreensão do termo Educação Popular. Antes ligado à educação para as massas, Freire (1983, 2011) atribui valor e imprime o sentido político e conscientizador aos sujeitos dessa ação. “Mas, neste final e início de século, o que vem sendo entendido como *popular*? O que revelam, nesse sentido, os movimentos sociais que atual na organização do povo, na organização dos trabalhadores?” (MELO NETO, 2015, p. 21). São questões fundamentais que precisamos nos debruçar e formular entendimentos que dialoguem com a realidade contemporânea, mas que permaneça fiel as suas histórias e legados.

Ribeiro (2010) afirma que:

Do mesmo modo que a expressão campo remete às lutas históricas do campesinato, educação popular carrega o sentido das organizações populares do campo e da cidade que, na sua caminhada histórica, participam, realizam e sistematizam experiências de educação popular. Estão compreendidas nessas experiências, entre outras, a criação do método Paulo Freire (Freire, 1979; Barreiro, 1980; Paludo, 2001) e a Educação do Campo (Arroyo; Caldart; Molina, 2004), em que os movimentos camponeses desempenham papel central (p. 43).

A última parte desta citação nos é estratégica, pois ela coloca a Educação do Campo, no campo da Educação Popular, ou seja, destaca o sentido ampliado do termo. É possível compreender que o “guarda-chuva” maior é a Educação Popular ao mesmo tempo em que a Educação do Campo é parte formadora desta amplitude. Porém, quando analisamos a situação atualmente, não é difícil verificar que há uma inversão na abordagem empreendida acerca destes paradigmas educacionais.

Prefaciando o livro “Educação Popular: lugares de construção social coletiva”, Brandão (2013), ratificando a linha de pensamento que estamos tentando estabelecer, afirma que, “o MEC acabou por criar um departamento de “educação ambiental. E, ao que eu saiba, espaço significativo algum existe ali para abrigar a *Educação Popular*” (p.11). Isso nos revela uma compreensão abreviada da Educação Popular. Significa em última análise, uma compreensão abstrata da Educação Popular, que em nada tem que ver com a concreticidade e com o fato de que ela se encontra em desenvolvimento entre nós (GADOTTI, 1996).

No mesmo sentido, Paludo (2013) afirma que: “Ímune, de certa forma à crise, a Educação do Campo retoma os lineamentos que se colocavam para a Educação Popular no período anterior” (p. 67). Apensar de o enunciado praticamente apontar para a “morte” da Educação Popular é preciso destacar que até mesmo a sua “crise” apresenta-se nesse cenário fundamentalmente como uma denúncia e uma evidência que ela está em plena vivacidade. Em meio a um Estado anemicamente acometido por um neoliberalismo voraz, que tudo acomoda, que tudo “educa” ao consenso do capital, o desinteresse de tal Estado, não será de todo negativo.

É nesta perspectiva que problematizamos o lugar da Educação Popular no atual debate da Educação do Campo. Há que se pensar e repensar constantemente como fazer a inserção junto ao Estado, sem com isso ter que perder as sólidas concepções dos movimentos sociais populares, passando-as ao estado líquido em que boa parte dos paradigmas educacionais adentraram neste início de século. Por fim, pensado em função das classes populares, entendemos que a relações entre Educação Popular e Educação do Campo será tanto mais frutífera, quanto mais dialógica.

Assim, este trabalho, que sabidamente não dá conta, nem é esse objetivo no momento, de finalizar e concluir esse debate, configura-se a partir de uma análise qualitativa do objeto em destaque.

Segundo Chizzotti (2008) “O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. É, pois nesse sentido que buscamos analisar e refletir sobre o lugar da Educação Popular no atual debate da Educação do

Campo, com destaque para o curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

Assim, nossa abordagem pretende alcançar dois aspectos importantes, quais sejam: o primeiro diz respeito aos documentos oficiais que criam e implementam o Curso interdisciplinar de Educação do Campo da Ufersa. Isto é, editais, pareceres, Projeto Pedagógico de Curso, Estrutura curricular e disciplinas do Curso. O segundo campo de análise será os principais documentos que norteiam a Educação do Campo na contemporaneidade, com destaque para o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO) e A aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

Para analisar os dados obtidos buscamos os princípios metodológicos do *materialismo histórico-dialético* uma vez que esta perspectiva vincula de forma satisfatória as questões abordadas nesse estudo à dinâmica da realidade material dos sujeitos envolvidos, e, reflete a construção histórica dos fenômenos com destaque para as transformações sociais que esta construção enseja. O Materialismo histórico-dialético é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens no desenvolvimento da humanidade. Significou uma mudança fundamental na interpretação dos fenômenos sociais, que até o nascimento do marxismo se apoiava na concepção idealista de sociedade humana (COUTINHO, 2011).

É importante destacar que esta metodologia também não é uma escolha aleatória, na verdade representa uma forma de pensar a pesquisa a partir de um sentido lógico, ou seja, nosso vínculo e aproximação com a obra marxista. Assim, pactuamos com Gatti (2007) quando afirma que: “A pesquisa não é, de modo algum, na prática, uma reprodução fria das regras que vemos em alguns manuais. O próprio comportamento do pesquisador em seu trabalho é-lhe peculiar e característico” (p. 11).

Desse modo apontamos que o trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento, e que as conclusões neste momento referem-se a reflexões e análises que precisam de tratamento. Ainda assim é importante destacar o potencial e o desejo de alargarmos em muito estes escritos.

Resultados e Considerações

A partir da temática abordada buscamos refletir sobre o ponto em que nos encontramos, quer dizer, quando falamos em Educação Popular na atualidade o que de fato estamos tentando dizer? Entendemos que esta é uma tarefa fundamental para qualquer educador ou educadora que ainda

sonha com uma “sociedade respirável” (CERTEAU, 2012). Ainda que pareça uma tarefa elementar, conhecer o nosso momento histórico, ou seja, apresentar a questão situada e datada (BRANDÃO, 2002) implica, necessariamente, conhecer e reconhecer o nosso lugar no mundo, com o mundo e com os outros sujeitos deste mundo (FREIRE, 2012).

Nesse sentido podemos começar a tecer algumas considerações que nos encaminham para a necessidade urgente de se entender a Educação Popular em sentido ampliado, de forma concreta, entendendo que ela não nasce com a Educação do Campo, é genitora desta, sendo necessário dizer essa assertiva, essa é nossa questão de ordem. Com isso não negamos o lugar fundamental que ocupa hoje a Educação do Campo, mas destacamos que a história precisa ser revisitada, sendo tintura para todas as ações no campo da Educação do Campo e esta, situada sempre no campo da Educação Popular.

A pesquisa insere-se dentro dos objetivos do Grupo de Estudos e Pesquisas da Pedagogia Paulo Freire da Universidade Federal da Paraíba e do Grupo de Pesquisa Estudos Sobre Inclusão, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido e faz é o recorte de projeto de doutoramento, sendo portanto uma pesquisa em franco desenvolvimento. Espera-se fortalecer reflexões e aprofundamento de questões fundamentais tanto a Educação Popular como a Educação do Campo entendendo que a relação entre ambas será tanto mais frutífera, quanto mais dialógica.

Assim, partindo da compreensão da realidade como construída historicamente, sendo o homem, produtor e produto deste meio (SILVA FILHO, 2014), entende-se fundamental uma análise crítica aprofundada sobre a Educação do Campo e sobre a Educação Popular nos dias hoje, pensando primordialmente na relação entre ambas e o Estado enquanto gestor.

Finalmente apontamos a Educação Popular e Educação do Campo como possibilidades para o fortalecimento e a consolidação de políticas educacionais importantes para as classes trabalhadoras. Nosso chamamento é na verdade a busca e o cuidado para com esses paradigmas educacionais que foram conquistados com muita luta, suor e sangue. Portando é tarefa de todos e todas atuarem enquanto monitores destas políticas alertando sempre para desvios ou ingerências. Por isso reivindicamos: Por uma Educação do Campo Popular.

Referências bibliográficas

ARROYO, Miguel. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BALL, Stephen; **MAINARDES**, Jefferson (Orgs.). *Políticas Educacionais: questões e dilemas*. São Paulo: Cortez, 2011.

- BRANDÃO**, Carlos Rodrigues (org.). *A questão política da Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- STRECK**, Danilo; **ESTEBAN** Maria Teresa (orgs.). *Educação Popular: lugar de construção social e coletiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CALDART**, Roseli Salete, **PEREIRA**, Isabel Brasil, **ALETEJANO**, Paulo. **FRIGOTTO**, Gaudêncio (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- FREIRE**, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- _____. *À sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. *Política e Educação*. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GADOTTI**, Moacir. *Paulo Freire: Uma bibliografia*. São Paulo : Cortez, Brasília, 1996.
- GENTILI**, Pablo; **FRIGOTTO**, Gaudêncio (Orgs.). *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez; [Buenos Aires, Argentina]: CLACSO, 2011.
- GÓES**, Moacyr. *Educação Popular, Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, Paulo Freire e Movimentos Sociais contemporâneos*. In: **ROSAS**, Paulo. *Paulo Freire: educação e transformação social*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.
- KOSIK**, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- KUHN**, Thomas Samuel. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz Viana; Nelson Boeiro. São Paulo: Perspectivas, 2009.
- MELO NETO**, José Francisco de. *Educação Popular: enunciados teóricos*. João Pessoa: Editora do CCTA, UFPB, 2015.
- NEVES**. Lúcia Maria Wanderley. *A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso*. São Paulo: Xamã, 2005.
- PALUDO**, Conceição. *Educação popular em busca de alternativas*. Porto Alegre: CAMP; Tomo editorial, 2001.
- RIBEIRO**, Marlene. *Movimento Camponês, Trabalho, Educação*. Liberdade, autonomia, emancipação como princípios/fins da formação humana. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- SAVIANI**, Dermalva; **DUARTE**, Newton. (Orgs.) *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SILVA FILHO, Luiz Gomes. *Educação do campo e pedagogia Paulo Freire na atualidade: um olhar sobre o currículo do curso de Pedagogia da Terra da UFRN*. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE, João Pessoa, 2014.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudo sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.